

REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS-HERMENÊUTICAS SOBRE A “MANUTENÇÃO DO SI” E O “CUIDADO” ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Crisóstomo Lima do Nascimento

Professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem - UENF

crisostomoln@gmail.com

Rodrigo de Siqueira Vianna

Aluno Especial do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem - UENF

rodrigo.vianna12@gmail.com

Resumo: A vida educacional possui seus problemas e adequações, o professor muitas vezes não consegue atenção dos alunos, mas essa atenção não acontece por falta de didática ou interesse do próprio aluno. Sugerimos o conceito de “encontro” como forma filosófica de aproximar os entes denominados professor e aluno. Para isso recorreremos à fenomenologia e hermenêutica dos autores Martin Heidegger e Paul Ricouer. Com Martin Heidegger temos o “cuidado” e com Paul Ricouer a “manutenção do si”, ambos circulam sobre o termo “si”. Nossa tarefa neste artigo é detalhar o que significa esse “si” nas filosofias destes dois autores, e como culminam na conceituação de cuidado e manutenção do si. O primeiro capítulo deste artigo, intitulado “a manutenção do si e o cuidado”, explicará os dois conceitos mencionados pelos autores. O segundo capítulo, intitulado “encontro entre professor e aluno”, vai adentrar em contextos mais pragmáticos, e para isso, ligará os dois conceitos com reflexões sobre a vida educacional.

Palavras-chave: Educação, Fenomenologia, Hermenêutica.

Abstract: Educational life has its problems and adjustments, the teacher often does not get the attention of the students, but this attention does not happen due to a lack of teaching or interest on the part of the student himself. We suggest the concept of “encounter” as a philosophical way of bringing together the entities called teacher and student. To do this, we resort to the phenomenology and hermeneutics of authors Martin Heidegger and Paul Ricouer. With Martin Heidegger we have “care” and with Paul Ricouer the “maintenance of the self”, both circulated around the term “self”. Our task in this article is to detail what this “self” means in the philosophies of these two authors, and how they culminate in the conceptualization of care and maintenance of the self. The first chapter of this article, entitled “self maintenance and care”, will explain the two concepts mentioned by the authors. The second chapter, entitled “meeting between teacher and student”, will delve into more pragmatic contexts, and to this end, will connect the two concepts with reflections on educational life.

Palavras-chave: Education, Phenomenology, Hermeneutics.

Introdução

Martin Heidegger (1889 - 1976) e Paul Ricouer (1913 - 2005) ensinam que somos “seres questionadores”, faz parte do ser, a crítica tanto como questionador como questionado. O professor, independente da matéria, tem diante de si, uma sala de aula com alunos de diferentes pensamentos, atitudes e intelectos. A abordagem fenomenológica e hermenêutica ampliam a capacidade desse questionar humano.

Acontece que no embate especulativo, principalmente na área de ciências humanas, o aluno fica indiferente, agitado ou sem a vontade de aprender. O professor, por mais didático que seja, não fica imune ao “afastamento” desses alunos. Por este motivo, sugerimos um “encontro” entre professor e aluno de maneira filosófica. Utilizamos para isso, a fenomenologia e a hermenêutica, abordagens da disciplina filosófica.

Primeiramente, temos que simplificar uma conceituação de fenomenologia e hermenêutica.

Ambos os autores trabalham o termo “si” com sentidos interessantes, detalharemos esses sentidos. Após isso, podemos no primeiro capítulo, intitulado “a manutenção do si e o cuidado”, analisar o que seja o “cuidado” através do filósofo Martin Heidegger e a “manutenção do si” pelo filósofo Paul Ricouer. No segundo capítulo, intitulado “encontro entre professor e aluno”, procuraremos uma pragmática quanto aos conceitos filosóficos analisados para uma possível prática educacional.

Lembremos que este artigo não tem a pretensão de ter uma didática específica, ou um método de ensino, trata-se de “reflexões” quanto aos conceitos mencionados nos dois autores, ou seja, possuem origem filosófica, com termos de filosofia, porém, acrescentando uma visão ampla ao contexto educacional.

Fundamentação teórica

O *Si-mesmo como Outro* é uma obra do filósofo francês Paul Ricouer. Nesta, segundo o próprio Ricouer afirma que, “em Heidegger, a investigação do quem? Pertence à mesma circunscrição ontológica da investigação do si-mesmo (*selbstheit*)” (RICOUER, 2014, p. 42). Já no §25 de *Ser e Tempo*, Heidegger, pondera que “o quem responde a partir de um eu mesmo, do ‘sujeito’, do si-mesmo” (HEIDEGGER, 2015, p. 170). Como o si-mesmo gravita em um aspecto ontológico-existencial, e a obra de Ricouer tem como título *O Si-mesmo como Outro*, resta apontar a reflexão para o que seja “o outro” no livro. Ricouer sugere a captura do quem? Pelo “algo”(RICOUER, 2014). Esse “algo” requer “compreensão” e “interpretação”, dois termos que merecem atenção tanto na hermenêutica quanto na fenomenologia. Ricouer pensa a interpretação como o “desenvolver a compreensão dizendo como o quê (*als was*) entendemos alguma coisa” (RICOUER, 2014, p. 50). Nos mesmos moldes, Heidegger afere que “a interpretação funda-se existencialmente no compreender e não vice-versa. Interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender”(HEIDEGGER, 2006, p. 209).

Crisóstomo Lima do Nascimento, nos ajuda a entender que em Heidegger, “a compreensão é a articulação do poder-ser, isto é, a articulação das possibilidades que se abrem no mundo” (NASCIMENTO, 2019, p. 92). Complementa que a “compreensão, portanto, tem um caráter ‘positivo’ que contrasta com a ‘negatividade’ da disposição, que condiciona e restringe as possibilidades do ser-no-mundo” (NASCIMENTO, 2019, p. 93). Agora, podemos atentar que a “compreensão” precisa da “disposição” para acontecer. Esses dois conceitos iluminam o “cuidado” em Heidegger, conforme expõe o professor Crisóstomo: “compreensão e disposição são estruturas ontológicas do *Dasein* reunidas no cuidado” (NASCIMENTO, 2019, p. 93).

Heidegger nos explica que somos um “ser-no-mundo”. Segundo ele: “o ‘em-um-mundo’; com relação a este momento, impõe-se a tarefa de indagar sobre a estrutura ontológica de ‘mundo’ e determinar a ideia de mundanidade como tal” (HEIDEGGER, 2015, p. 99). De modo grosseiro, Heidegger quer dizer que o “ser”, pensando esse “ser” como humano ou pessoa, através da sua língua própria e da linguagem, indaga; questiona; pergunta; dialoga sobre a estrutura ontológica de “mundo”. Entendendo a ontologia como “doutrina do ser e das suas formas” (ABBAGNANO, 2007, p. 848), cabe ao próprio ser (pessoa), o questionamento de “mundo”. Aqui Heidegger coloca “de” mundo ao invés “do” mundo, pois em sua filosofia temos “Mundo” e “mundo”, essa diferenciação acontece pois o termo “Mundo” segundo Heidegger “pode denominar o âmbito que sempre abarca uma multiplicidade de entes, como ocorre por exemplo, na expressão “mundo” usada pelos matemáticos que designa o âmbito dos objetos possíveis da matemática” (HEIDEGGER, 2015, p. 112). Dessa forma, “o ente simplesmente dado ‘no’ mundo, nós o chamamos de pertencente ao mundo ou intramundano” (HEIDEGGER, 2015, p. 113). Cabe o ser a “desmundanização do mundo”, saindo da ingenuidade do “simplesmente dado”.

Uma possível saída desta ingenuidade é a fenomenologia e a hermenêutica. A proposta inicial da fenomenologia, que tem como principal precursor Edmund Husserl (1859 - 1938), baseia o conceito filosófico de fenômeno como “objeto tal como aparece na consciência de um sujeito” (VASCONCELOS, 2017, p. 135), é interesse do sujeito o “deixar que algo seja visto”. Husserl extraiu de seu professor Franz Brentano (1838-1917), o conceito de intencionalidade. A intencionalidade pode ser concebida como uma postura ativa do sujeito e não passiva, “não como algo que acontece a um sujeito, mas como algo que o sujeito faz acontecer” (VASCONCELOS, 2017, p. 135). Conclui-se que “toda consciência já é consciência de alguma coisa: sujeito e objeto são indissociáveis” (VASCONCELOS, 2017, p. 136). Heidegger inova essa postura filosófica, o que poderíamos

considerar como sendo de imanência do sujeito. Essa inovação traz o questionamento ontológico do ser perante o mundo. Citamos Heidegger:

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas distintas da filosofia ao lado de outras. Ambas caracterizam a própria filosofia em seu objeto e em seu modo de tratar. A filosofia é uma ontologia fenomenológica e universal que parte da hermenêutica da presença, a qual, enquanto analítica da existência, amarra o fio de todo questionamento filosófico no lugar de onde ele brota e para onde retorna. (HEIDEGGER, 2015, p.78).

Quanto à hermenêutica, de modo inicial e grosseiro, podemos enunciar que “é o remontar de um signo ao seu significado”(ABBAGNANO, 2007, p. 665). A tradição ensina que o “círculo hermenêutico” tem como procedimento uma necessidade circular de interpretação. Porém, pensar a hermenêutica somente como técnica é um erro, pois “a hermenêutica em filosofia, configura-se como o campo mais apropriado para se interporem os problemas filosóficos” (VASCONCELOS, 2017, p. 76). Essa distinção deve ser feita, para que o “interpretar” seja imanente e não simplesmente uma técnica, nas palavras de Heidegger um “ofício de interpretar” (HEIDEGGER, 2015, p. 76). Complemento o filósofo colocando que a hermenêutica talvez possa ser considerada uma “cirurgia das palavras”, em que o ofício seria um diagnóstico pessoal responsável, tanto intelectual como existencial. Portanto, como noção inicial de fenomenologia e hermenêutica, podemos adentrar nos conceitos de “manutenção do si” e “cuidado”

Capítulo I: A manutenção do si e o cuidado

Impossível não passar por Heidegger e não mencionar o conceito de *Dasein*. Esse conceito em suas inúmeras querelas de tradução, começa ingenuamente por uma tradução de “ser-aí”; contudo, essa palavra não pode ser interpretada ao “pé da letra”; e sim, pode ser considerada um divisor de águas na filosofia contemporânea. *Dasein* traz uma nova forma de pensar a humanidade e o homem. Neste artigo, temos a tradução de *Dasein* como “presença”, tradução feita na obra *Ser e Tempo* de Heidegger através de Márcia Sá Cavalcante.

Para não sair do escopo deste artigo, em relação à complexidade do *Dasein*, recorremos à ajuda do professor Crisóstomo Lima do Nascimento (2019, p.92), “*Dasein* é poder-ser. Poder-ser aponta para as possibilidades de ser. A compreensão é a articulação do poder-ser, isto é, a articulação das possibilidades que se abrem no mundo”. Complementamos com o professor Kahlmeyer-Mertens:

A figura paradigmática do humano (tratada enquanto ser-aí) é, deste modo, um ser que não possui outro traço imanente senão o de poder-ser. Dizendo de modo sucinto: ser-aí é um ente pensado num contexto completamente diferente daquele vigente na tradição filosófica; poder-ser é sua possibilidade mais primordial, constituindo, assim, não só a primeira, mas sua determinação mais originária e mais positiva. (KAHLMAYER-MERTENS, 2015, p. 79).

Na obra *Ser e Tempo*, Martin Heidegger propõe que o “quem responde a partir de um eu mesmo, do ‘sujeito’, do si-mesmo” (HEIDEGGER, 2006, p.170). Já na obra *O Si-mesmo como Outro*, Paul Ricoeur argumenta que “em Heidegger, a investigação do quem? Pertence à mesma circunscrição ontológica da investigação do si-mesmo (*selbstheit*)” (RICOEUR, 2014, p.42). Contudo, para entender melhor esses enunciados, devemos ter em mente o que esses dois autores entendem pelo termo “si”.

O “si” deve ser pensado de modo ontológico-existencial, e por este motivo, estão incoerentes as acepções de ego, psique, indivíduo e muito menos a acepção de “sujeito”, na qual a idade moderna tem como expoente René Descartes. Como já argumentamos sobre o “ser-questionador” em Heidegger, e distinguimos que esse ser é inviável pelo sentido do “em-si”, do ser simplesmente dado, vemos que o “si” trata-se de uma movimentação para o seu próprio, uma realização própria e exclusiva, sem adentrar nos sentidos narcísicos, egoístas e ególatras. O si-mesmo pode ser pensado desse jeito como a concretude da presença (*dasein*).

Como a obra de Paul Ricouer tem como título *O Si-mesmo como Outro*, resta argumentar o que são “os outros”. Nessa investigação, Paul Ricouer analisa o “outro” e o “si-mesmo”, por duas vias: a identidade *idem* e a identidade *ipse*. Essas duas conceituações referem-se a um complemento da identidade pessoal e da identidade narrativa, trabalho da obra *Tempo e Narrativa*. Paul Ricouer, como exímio hermenêuta, pensou a dialética, não como “confronto”, mas como “círculo”. Para melhor visualização, podemos considerar a figura abaixo:

Figura 1 - Dialética entre a identidade *idem* e *ipse*.



Fonte: Elaboração do autor

A identidade pessoal é dividida em identidade numérica e identidade qualitativa. Quanto à identidade numérica, Paul Ricouer afere que “a esse primeiro componente da noção de identidade corresponde a operação de identificação, entendida no sentido de reidentificação do mesmo, de tal modo que conhecer é reconhecer: a mesma coisa duas vezes, *n* vezes” (RICOUER, 20014, p. 115). Quanto à identidade qualitativa, Ricouer situa que “a esse segundo componente corresponde a operação de substituição sem perda semântica” (RICOUER, 2014, p. 115). Na identidade *idem*, temos um “caráter”, entendido em Ricouer como “conjunto das marcas distintivas que possibilitam reidentificar um indivíduo humano como sendo o mesmo” (RICOUER, 2014, p. 119), ou para uma melhor conceituação, “o conjunto das disposições duráveis pelas quais se reconhece uma pessoa” (RICOUER, 2014, p. 121).

A identidade narrativa, não pensada somente como “história”, mas “história de uma vida”, é intrínseca ao ser, um modo de manifestação da identidade e do conhecimento. Consta-se um movimento do ser-no-mundo, uma condição de afetação com “o outro”. Esse movimento é um “cumprimento da promessa”, promessa essa entendida como “palavra cumprida na fidelidade à palavra dada” (RICOUER, 2014, p. 124).

A manutenção do si é justamente a dialética pensada entre a identidade pessoal e a identidade narrativa. Dialética essa que não quer dizer “confronto”, mas sim, um “encaixe existencial”. Esse encaixe, tem na promessa, uma correlação do “si-mesmo como outro”. A palavra cumprida expressa uma manutenção do si que não se deixa inscrever, com o caráter, na dimensão do algo em geral, mas unicamente na do quem”? (RICOUER, 2014, p. 124). O esforço dessa dialética é a “persistência do caráter, outra é a perseverança da fidelidade à palavra dada” (RICOUER, 2014, p. 124).

Por este motivo, é que Ricouer analisa que “em Heidegger, é a dependência da problemática do *Selbst* (si-mesmo), em relação ao existencial *Dasein*, que arrasta o ‘quem’ para o mesmo espaço ontológico de gravitação” (RICOUER, 2014, p. 42). Essa “gravitação”, agora entendida na dialética da identidade *idem* e *ipse*, culminando na manutenção do si, conquista no conceito Heideggeriano de “cuidado” reflexões pertinentes.

Ao adentrar no conceito de cuidado, Heidegger na obra *Ser e Tempo*, se utiliza de uma das fábulas de Higino. A fábula abaixo apresentada refere-se a tradução de cuidado como “cura”, tendo como radical o termo alemão “*Sorge*” sua derivação. Dessa maneira, ainda trataremos nesse artigo, o termo “*Sorge*” como cuidado.

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço do seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, a Cura que primeiro o formou, ele deve pertencer à Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve-se chamar “homo”, pois foi feito de húmus (terra). (HEIDEGGER, 2015, p. 266).

A partir de reflexões dessa fábula, podemos inferir que Heidegger nos quer mostrar que o cuidado pode ser o “alcance” a que o homem pertence em vida. O cuidado “pertence” ao homem, contudo, a disputa decidida por Saturno, simboliza a “temporalidade” do homem enquanto pertencente ao húmus (terra). Nesse sentido, não se pode escapar da conceituação de que o homem é uma composição de corpo e espírito. Essa “tensão”, marca uma relação de constituição fundamental do existir humano. Esclarece o professor Crisóstomo que:

Como isso, Heidegger destaca o sentido ontológico do termo, que designa a constituição fundamental do existir humano como abertura originária de sentido que ilumina tudo o que lhe vêm ao encontro, desde sempre cooriginária ao mundo e ao outro. Ser é ser-no-mundo-com-o-outro. (NASCIMENTO, 2019, p. 100).

Complementamos com a explicação do professor Kahlmeyer-Mertens, aferindo que o “cuidado (*Sorge*) é o que há de mais essencial na existência do ser-no-mundo, de sorte que a ocupação (*Besorge*) junto aos utensílios e a preocupação (*Fürsorge*) com os outros são modalidades derivadas da primeira” (KAHLMAYER-MERTENS, 2015, p. 107). Como pensamento inicial do termo “cuidado”, nos vem à mente o auxílio; caridade; ajuda; zelo; solidariedade; empatia e afins. Heidegger quer que pensemos o cuidado como “conceito ontológico de estrutura”.

Novamente o professor Kahlmeyer-Mertens nos esclarece, segundo ele, com uma fórmula: “preocupo-me das coisas; preocupo-me por alguém e cuido de ser quem sou” (KAHLMAYER-MERTENS, 2015, p. 107). A “ocupação” refere-se à preocupação das coisas, nesse sentido, pelas tarefas diversas e uso das coisas no cotidiano, Heidegger conceitua esse uso como “utensílios”, por estar sempre “à mão” no cotidiano. Já na “preocupação”, vemos que Heidegger não quer um comportamento com o outro e, desse modo, para o outro somente. É no “cuidado” que o ser busca saídas do “impessoalmente-si-mesmo”.

Entendendo o si-mesmo neste artigo, podemos considerar que no “anteceder-a-si-mesmo, o ‘si’ indica sempre o si-mesmo, no sentido do impessoalmente-si-mesmo” (HEIDEGGER, 2015, p. 260). Dessa maneira, não podemos pensar uma operação *solipsista*, em que o ser possui uma relação do *Dasein* (presença) consigo mesmo. A busca coerente, seria uma busca do singular contra o impessoal, “em qualquer momento de sua existência, o ser-no-mundo se projeta para um mundo que possui uma situação fática especificamente constituída” (KAHLMAYER-MERTENS, 2015, p. 107).

Através dessas explicações, podemos pensar a condição de ser-no-mundo em Heidegger e o si-mesmo como outro em Ricoeur. No primeiro, o cuidado; no segundo, a manutenção do si. Dessa maneira podemos argumentar sobre o “encontro” entre professor e aluno de uma maneira menos teórica, partindo para uma argumentação filosófica-educacional mais prática.

Capítulo II: Encontro entre professor e aluno

Percebemos até o momento que ser-no-mundo pertence a um compartilhamento. Não podemos inferir que um “mundo” é o que a “realidade” me mostra simplesmente. “O ser-em é ser-com os outros” (HEIDEGGER, 2015, p. 175), exatamente porque esse compartilhamento se dá numa totalidade de construções prévias não pertencentes ao ser. Diferente do “ser-em”, o “ser-em-si intramundano desse outros é copresença” (HEIDEGGER, 2015, p. 175). O ser-no-mundo dessa maneira, não pode ser considerado como ego e suas derivações: ególatra, egótico, egoísta, etc. O *solipsismo* pertinente em cada caso não traduz a maneira de descoberta ou busca do ser. Pertence ao ser um “encontro” na medida de sua situação fática, nos explica Heidegger através da brilhante analogia:

O campo, por exemplo, onde passeamos “lá fora” mostra-se como o campo que pertence a alguém, que é por ele mantido em ordem; o livro usado foi comprado em tal livreiro, foi presenteado por... e assim por diante. Em seu ser-em-si, o barco ancorado na praia refere-se a um conhecido que nele viaja ou então um “barco desconhecido” mostra outros. Os outros que assim “vêm ao encontro”, no conjunto instrumental à mão no mundo circundante, não são algo acrescentado pelo pensamento a uma coisa já antes simplesmente dada. Todas essas coisas vêm ao encontro a partir do mundo em que elas estão à mão para os outros. Este mundo já é previamente sempre o meu. (HEIDEGGER, 2015, p. 174).

Caracterizando-se pelo ente de um “mundo circundante”, tendo como condição o ser-no-mundo, vemos que o encontro com os outros é marcado pela imanência, mas não escapa da formulação de “compartilhamento”. Por este sentido, ocorre um marco da maneira fenomenológica de pensar. Nos esclarece Heidegger:

Esse modo de encontro mundano mais próximo e elementar da presença é tão amplo que a própria presença nele, de saída, já “encontra” a si mesma, desviando o olhar ou nem mesmo vendo “vivências” e “atos”. A presença encontra, de saída, “a si mesma” naquilo que ela empreende, usa, espera, resguarda - no que está imediatamente à mão no mundo circundante, em sua ocupação. (HEIDEGGER, 2015, p. 175).

Verifica-se aqui um foco na singularidade ou imanência, que de certa maneira fenomenológica, questiona o ser para suas “condições de possibilidade” a tomar uma atitude fática perante o mundo circundante. O “encontro” posiciona o ser em suas próprias situações, preparando um “terreno” singular de ensino. Eis aqui a participação do professor perante um “mundo” diante da sala de aula, um “mundo” com o aluno. O mundo é condição de possibilidade de encontro. O “cuidado” como chave dessa dinâmica, inclui-se como provocação; questionamento; indagação e transfere-se no “porquê” das coisas, uma “ajuda” em sentido ontológico. “Assinala-se, assim, que o olhar fenomenológico lançado sobre o processo educativo, via de regra, prioriza a singularidade do indivíduo, incentivando-o, a partir dos fenômenos imediatos da existência, na busca do conhecimento de um sentido próprio a si” (NASCIMENTO, 2019, p. 122).

O “si-mesmo” participando de uma identidade, precisa das duas conceituações de Paul Ricoeur: a identidade *idem* e a identidade *ipse*. Por exemplo, na identidade numérica, que faz parte da identidade *idem*, existe uma certa “burocratização” que faz parte do rendimento escolar. Uma pauta, uma matrícula, faltas e o mais importante que são as notas, pertencem ao caráter numérico do aluno e por si mesmo, devem advir de uma situação organizacional e corriqueira. A identidade nesses casos, não “definem” o ser, mas apontam para outra identidade: a identidade qualitativa.

Tendo em mente a identidade numérica, vemos na identidade qualitativa, seu oposto, que atentamente precisa ser complementado e não destruído. Nesta conceituação, exclui-se a “presunção” com caráter de “carimbar” atitudes e comportamentos. O “encontro” não aconteceu ainda, pois, a indagação provoca os múltiplos jeitos de pensar. Essa provocação interfere em todos os alunos, do mais agitado ao mais quieto, do mais indiferente ao mais questionador. A pergunta exposta, não se sustenta a somente um único aluno, mas na diversidade de alunos, ou seja, na sala de aula.

Ao pronunciar o “enunciado questionador”, tanto o professor, quanto o aluno trazem o que Heidegger chama de desvelamento (*Unverborgenheit*). Esse desvelamento não pode ser confundido como um enunciado de lugar primário da verdade. Visto que o enunciado é uma predicação, nesse “predicado” ocorre a “afirmação” de um “sujeito”, essa predicação torna-se determinação do sujeito. O ente se torna “ente inquiridor”, assim, “a elaboração da questão do ser implica que tornemos transparente um ente, o inquiridor em seu ser” (GORNER, 2017, p. 33). Heidegger explica que esse ente é um “ente privilegiado” (HEIDEGGER, 2015, p. 47), esse privilégio ocorre exatamente porque ocorre o questionamento através de um enunciado que anuncia: o si-mesmo. “Que ente é o ente a ser interrogado na questão do ser? É: nós mesmos, ou seja, o ente que cada um de nós é” (GORNER, 2017, p. 33).

Seguindo este raciocínio, podemos pensar que o aluno, traz em si a narrativa própria como história de uma vida. Também lembramos que a identidade narrativa faz parte da identidade *ipse*, relacionada diretamente ao “outro”. Nos esclarece Paul Ricoeur que:

Responder a pergunta “quem?”, é contar a história de uma vida. A história contada diz o *quem* da ação. Portanto, a identidade do *quem* não é mais que uma identidade narrativa. Sem o auxílio da narração, o problema da identidade pessoal, está, de fato fadado a uma antinomia sem solução: ou se supõe um sujeito idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados, ou então se considera, na esteira de Hume e de Nietzsche, que esse sujeito idêntico não passa de uma ilusão substancialista, cuja eliminação faz aparecer tão-somente um puro diverso de cognições, emoções e volições (RICOEUR, 2010, p. 418).

O aluno em sua narrativa de vida, questiona seus problemas pessoais, mas na dinâmica Heideggeriana do “cuidado”, essa narrativa questionadora é uma abertura ontológica desse “ser”, do aluno. Inclusive, o próprio professor deve ser capaz de incluir sua narrativa como “encontro”. A abertura pessoal do professor serve de didática, mantendo sempre a “organização” contra uma “desorganização especulativa”, nas palavras de Heidegger: falatório. Dessa maneira, oposta a uma didática maçante, a narrativa do professor, incluindo as últimas notícias, músicas do momento, transparecem uma aula em que a memorização se torna mais ativa. A experiência já nos mostra, por exemplo, que as fábulas infantis permanecem em nossa memória por muito mais tempo que a fórmula matemática. Isso acontece, exatamente, pela narrativa “encontrar” uma “abertura”.

É certo que a “narrativa” em suas expressões pode se dissociar do “si-mesmo”. Paul Ricoeur afere por exemplo, a existência na política da “identidade nacional” em que “esses traços se enrijeceriam e dariam às piores ideologias da ‘identidade nacional’ o ensejo de inflamar-se” (RICOEUR, 2014, p. 123). Vamos além, e sugerimos que a pessoa possa criar personagens próprios através de outras identidades, uma “identidade-personagem” confere um escape ao “si-mesmo”. Temos por exemplo, os astros do *rock*, da música em geral, do cinema, das artes, empresários e líderes de grandes empreendimentos, entre outros. Podemos aludir estes, aos que “conseguiram”, na melhor das expressões: “venceram na vida”. Esse problema retorna ao “impessoalmente-si-mesmo” de Heidegger. Para este, constitui-se a decadência (*Verfallen*), que nas palavras de Heidegger:

Este termo não exprime qualquer avaliação negativa. Pretende apenas indicar que, numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, a presença, está junto e no “mundo” das ocupações. Este empenhar-se e estar junto a... possui, frequentemente, o caráter de perder-se no caráter público do impessoal. (HEIDEGGER, 2015, p. 240).

Heidegger, através de *Ser e Tempo*, estrutura “modos” em que a presença se vê alocada no impessoal e por consequência no “impessoalmente-si-mesmo”, os principais são a falação, a curiosidade e a ambiguidade, mas reforçamos que não somente estes. Essa impessoalidade, transfere-se no cotidiano, torna-se “impessoalidade cotidiana” que nas palavras do professor Crisóstomo tem:

A tendência da fuga de si, esquecendo-se do seu “ser próprio”, relacionando-se com

ele como algo já dado a priori, preestabelecido e relativamente imutável caracteriza a maneira inautêntica com que o homem se encontra no mundo, revelando o próprio modo de ser cotidiano, configurando uma existência imediata. (NASCIMENTO, 2019, p. 88).

Cabe aqui salientar, que presumir a saída da impessoalidade cotidiana como uma atitude de “revolta”, está fora dos aspectos educacionais. Mesmo que pelo lado político, essa questão traga o “rebelar-se contra o sistema”, vemos que a busca “de” ser, no sentido fenomenológico e hermenêutico não coadunam com esse sentido de “revolta”. O que confere sentido ao ser-aluno, nestes casos, é uma reflexão, intuito deste artigo. Contudo, achamos importante que o *politycon* grego, sendo aquele que tem a “arte de cuidar da comunidade”, seja interessante nesse diálogo.

Esse foi o começo de uma análise fenomenológica, precisamos fazer com que o aluno “circule” a questão norteadora através da pergunta que se anuncia. Consideramos agora um interpretar, utilizamos a hermenêutica para que o aluno dê um sentido ao enunciado proposto e não tão somente questione a causa para achar a causa, da causa, da causa, *per infinitum*. Como mencionamos no começo do artigo, precisamos realizar uma “cirurgia da palavra”. Consequentemente essa “cirurgia” afeta tanto o enunciado quanto o enunciador, em certa medida, afeta toda a sala de aula. A hermenêutica, nesse caso, tem em Heidegger, uma transformação do “círculo vicioso”, oriundo da hermenêutica clássica de interpretação textual, para um “círculo virtuoso” que possibilita a existência da própria compreensão (NASCIMENTO, 2019).

Reforçamos que lidamos com uma metodologia contemporânea, fora das lógicas clássicas de refutação, aliás, “Heidegger não se interessa pelo negócio da refutação. Isso significa dizer que ele não está buscando estabelecer argumentos em favor do fato de que a concepção do sujeito que dá origem ao problema é um equívoco” (GORNER, 2017, p. 81). Repudia-se assim um debate, se o conceito de debate for entendido como “palavras de confronto violento”, o que fica aquém em uma sala de aula, já que a busca do sentido de ser, muitas vezes é reflexiva, silenciosa e paciente.

É com o “cumprimento da promessa” exposto anteriormente em Paul Ricoeur, que o professor “desenrola suas próprias implicações temporais, a saber, uma modalidade de permanência no tempo capaz de ser polarmente oposta à do caráter. Aí precisamente, *ipseidade* e *mesmidade* para de coincidir” (RICOUER, 2014, p. 125). Não se firma um “contrato”, da mesma maneira, não existe teor religioso, trata-se “da palavra cumprida na fidelidade à palavra dada” (RICOUER, 2014, p. 124). A promessa pode ser entendida como “comprometimento” em Heidegger. O filósofo alemão afere que “o comprometimento tem o traço fundamental desse deixar situar (*An-lassen*) no surgir. O comprometimento é um ocasionamento (*Ver-an-lassen*) no sentido de um tal deixar situar” (1959, p. 379).

Para se comprometer, o professor deve fazer algumas perguntas sobre a “palavra”. Sugere-se a pergunta: “o que você entende por...”; “como você define...”; “a palavra (x) significa o que para você”? Entre outras indagações, conquista-se na *etimologia* da palavra uma simplificação, procura-se o fundamento. Acontece que para Heidegger, “diferentes tipos de entes requisitam diferentes modos de acesso” (GORNER, 2017, p. 32). Com a fenomenologia, “deixamos que algo seja visto”, com a Hermenêutica, geramos um “procedimento interpretativo circular”. Desse modo, existe verdade nas questões ensinadas pelo professor?

A verdade para Heidegger seria uma “verdade existencial”, pois o “ser inquiridor” possibilita o descerramento num “abrir” e fechar questionante”, nas linhas abaixo, Heidegger nos dá um exemplo, questionando o seu próprio enunciado e verificando a “verdade”:

O sentido da pressuposição de verdade também se torna compreensível a partir do modo de ser da verdade, concebido existencialmente. Por que devemos pressupor que a verdade se dá? O que significa “pressupor”? E o que quer dizer “devemos” e “nós”? Qual o sentido de “verdade se dá”? Nós pressupomos verdade porque “nós”, sendo no modo de ser da presença, somos e estamos “na verdade”. Nós não a pressupomos como algo “fora” ou “sobre” nós, frente à qual nos comportamos junto com outros “valores”. Não somos nós que pressupomos a “verdade”, mas é ela que torna ontologicamente possível que nós sejamos de modo a “pressupor” alguma coisa. A verdade possibilita pressuposições. (HEIDEGGER, 2015, p. 299).

Se a verdade possibilita pressuposições, pode ocorrer que o professor gere um “círculo infinto” de perguntas e mais perguntas, pois as respostas não “respondem” ao enunciador inquiridor. Ora, o *Dasein* (presença), situa-se de forma antagônica ao simplesmente-dado, “destruindo” ambiguidades de absoluto e relativo, buscando o escape de sistemas homogêneos para uma heterogênese. A sala de aula é justamente isso: um “encontro” de seres em situações de “desencontro”. A chave dos conceitos de manutenção do si e do cuidado, nos trazem reflexões acerca do “não absoluto”, mas da relatividade de horizontes. Por isto, vários estudiosos aceitam a tese de que Heidegger não propõe uma filosofia, mas uma “filosofia para o futuro”. Os alunos participam dessa filosofia, o professor coloca o gérmen do conhecimento, o que acontece ao aluno, não é uma salvação, mas possibilidades de futuro. São essas possibilidades que a humanidade necessita diante de tantas dicotomias políticas, intolerâncias religiosas, conflitos sociais, entre outros. Buscar o ser.

Considerações finais

Iniciamos este trabalho com a conceituação de ser-no-mundo, esclarecemos o que é ontologia, e aplicamos essa conceituação importantíssima à filosofia de Heidegger na busca do ser, que em sua forma contrasta ao que é “simplesmente dado”. Passamos por brevíssimas noções de fenomenologia e hermenêutica antes de adentrar ao primeiro capítulo.

No primeiro capítulo, atentamos ao *Dasein* (presença) de Heidegger, e alocamos esse conceito na participação da obra *O Si-mesmo como Outro* de Paul Ricoeur. O trabalho de Paul Ricoeur, pertinente nesta obra, traz a dialética das identidades *idem* e *ipse*. Participa dessa dialética, a identidade pessoal, que traz em seu bojo, a identidade numérica e a identidade qualitativa culminando no “caráter”. Ainda nessa mesma dialética, temos a identidade narrativa com a identidade *ipse*, trazendo à tona o conceito de “promessa”.

De forma hermenêutica, vemos que essa dialética em forma de círculo, situa o conceito de “manutenção do si”, mas também pode, de forma pedagógica, conceituar o cuidado (*Sorge*) em Heidegger. O cuidado em Heidegger, deve ser tratado como “conceito ontológico de estrutura” e firma-se através da ocupação (*Besorge*) e da preocupação (*Fürsorge*).

No capítulo dois, podemos detalhar os conceitos apresentados de uma forma mais pedagógica, criando por assim dizer, uma filosofia-educacional mais prática. Começamos com o que é o “encontro” em Heidegger e como esse “encontro” se encaixa na identidade pessoal e narrativa de Paul Ricoeur.

Podemos assim retornar ao “ser-questionador”, que faz parte de ambas as filosofias dos autores estudados. O ser que questiona, indica um “porque” através de um “enunciado questionador”, argumentamos sobre o enunciado desse “ente inquiridor”. Alocamos um exemplo prático educacional através da identidade narrativa e a identidade *ipse*. Reforçamos que a “narrativa” encontra uma abertura diante da pergunta em sala de aula, mas também situamos os problemas da identidade-personagem em Ricoeur e retornamos o conceito Heideggeriano do “impessoalmente-si-mesmo”, alocando a temática das identidades em Paul Ricoeur.

Todo esse processo se deu através de uma análise fenomenológica, resta inquirir sobre a hermenêutica em que o “enunciador inquiridor” interpreta a pergunta. Com a promessa e o “cumprimento da promessa”, vemos que o professor se “compromete” a fechar o círculo hermenêutico.

Essa atitude de fechamento é em vão, já que a “verdade existencial” não pressupõe um fim em si mesmo. Sugerimos que esse tipo de verdade não termine. Contudo, faz parte da dinâmica constituinte dos conceitos estudados na manutenção de si e o cuidado. Esses conceitos não eliminam, mas refletem, já que a intenção deste artigo é a “reflexão” através dos dois conceitos mencionados.

Este artigo procurou não “forçar” uma interpretação entre os dois autores estudados, mas adequar uma pedagogia que em seu teor deve ser pensada como filosofia-educacional. Sabemos das dificuldades perante a um sistema educacional brasileiro falho, não somos ingênuos quanto à falta de consideração política diante da educação. O que queremos argumentar, é uma possibilidade mais do que uma teoria, uma “reflexão” cujo título demonstra. Nesse caso, o artigo depara-se com interesses tanto do professor, quanto do aluno.

Reforçamos que a filosofia interpretada de Heidegger, refere-se ao que os comentadores chamam de “primeiro Heidegger”. Não foi tratada a “viragem para o pensamento histórico”, o que

se conceitua como “segundo Heidegger”, essa decisão ocorreu para que não ocorra uma saída do escopo educacional, na busca “de” ser. Também não aludimos à “questão da técnica” em Heidegger, mesmo sabendo da importância desse pensamento no contexto atual, pois a conceituação ampla de “técnica” em Heidegger exigiria outras questões, provavelmente, outro artigo. Em relação a Paul Ricoeur, não adentramos em uma análise literária da narrativa, mesmo sendo de excelente aquisição hermenêutica e profunda disposição filosófica, decidimos isso por achar que a obra *O Si-mesmo como Outro*, dialoga mais recorrentemente com Heidegger, aceitando que Paul Ricoeur é mais pedagógico por trilhar uma “espécie” de filosofia analítica, “flertando” com a filosofia da linguagem, entre outras disciplinas filosóficas.

No mais, pensamos que o ensino precisa de tempos em tempos ser repensado. Martin Heidegger e Paul Ricoeur tornam o filosofar possível, convergem sobre um pensar o mundo em seu teor histórico, mas não com a *megalomania* de um erudito científico. Por isto, nos mostram que a tradição muitas vezes deve ser repensada, isso não implica que o professor “nunca” recorra aos clássicos, mas que a atualidade “converse” com os autores antigos.

Como reflexão neste artigo, podemos pensar que a “absolutização” das coisas, e a procura exata de soluções gera um descontentamento social e psicológico com o que realmente importa: “quem sou eu”? As filosofias de Martin Heidegger e Paul Ricoeur podem nos ajudar a se contentar com a “impermanência”, questionar o mundo através de suas ontologias, mas não ser determinado a “vencer na vida”. No Brasil, a filosofia, amparada na legislação, inclui o ensino de filosofia no ensino médio. Esse aspecto traz uma situação pertinente ao aluno nas decisões próximas ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). A filosofia entra em jogo exatamente quando o aluno tem que tomar uma decisão na escolha da profissão. Acontece que essa decisão muitas vezes não está “madura”, o aluno não sabe quem ele é.

Neste sentido, este artigo é de grande valor para que se compreenda uma didática relacionada à busca “de” ser, coisa que os dois autores estudados nos dois conceitos mencionados buscaram. Ora, o professor, como mediador nessa busca, vai constatar a força juvenil em seus conflitos. Esses conflitos explodem com um mundo contemporâneo carregado de tecnologia e ansiedades. O aluno deve “vencer”, a escola deve “ensinar”. Nesse embate, silencioso e ao mesmo tempo culminando em problemas psíquicos de vários tipos, vemos uma “alienação”, um “deixar se levar”. Essa alienação vai exatamente na contramão da busca de ser. Este artigo, contudo, pressupõe que o professor possa refletir de maneira fenomenológica e hermenêutica sobre a “manutenção do si” e o “cuidado” entre professor e aluno.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª edição. São Paulo - SP: Editora WMF Martins Fontes, 2007.

NASCIMENTO, Crisóstomo Lima do. **Cuidado e Educação: uma abordagem fenomenológico-hermenêutica**. 1ª edição. Rio de Janeiro - RJ: Via Verita, 2019.

GORNER, Paul. **Ser e Tempo: uma chave de leitura**. 1ª edição. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. *Scientiae Studia*, v. 5, n. 3, p. 375-98, [1959]. Tradução Marco Aurélio. SP. 2007. In: https://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf . Acesso em 20. Nov. 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10ª edição. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2015. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 lições sobre Heidegger**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2015.

RICOUER, Paul. **O Si-mesmo como outro**. 1ª edição. São Paulo - SP: Editora WMF Martins Fontes, 2014. Tradução de Ivone C. Benedetti.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**. 1ª edição. Tomos I, II e III. São Paulo -SP: Editora WMF Martins Fontes, 2014. Tradução de Claudia Berliner.

VASCONCELOS, José Antonio. **Fundamentos filosóficos da educação**. 2ª edição. Curitiba - PR: Editora Intersaberes, 2017.